

**PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO
EM FOTOGRAFIA:
PRÁXIS E DISCURSO
FOTOGRAFICO**

1

DISCIPLINA:

**O PENSAMENTO
FOTOGRAFÍCO**

Professor

Isaac Antonio Camargo

***Doutor em Comunicação e
Semiótica***



Joseph Nicephore Niépce, vista da janela, 1826



Atelier de Daguerre, 1837

O que é uma fotografia?

Para que serve uma
fotografia?

Como produzir uma
fotografia?

IMAGEM
do latim *IMAGO*
semelhança

A idéia de semelhança, contida na imagem, nos remete à uma condição de uso alternativo, ou seja, na falta de algo, substitui-se por outra coisa. Neste sentido, a imagem é o sucedâneo de alguma coisa que, por qualquer motivo, não pode estar ali

Sendo a imagem uma coisa que pode substituir outra, daí se toma a idéia de *representação*, ou seja, de algo que está em lugar ou em nome de outrem

Imagem, para a filosofia, é algo que se encontra fora da consciência do ser.

Para a psicologia é uma referência parcial ou completa na consciência, construída para dar conta de objetos, fatos ou ocorrências residentes na memória do indivíduo

Para o teatro, podemos dizer que representar é dar existência à circunstâncias e personagens fictícios que desempenham ações no intuito de demonstrar ídolos e condutas humanas.

Para a Arte Visual,
representar é dar existência
imagética ao visual
depreendido das relações
entre o humano e o mundo
sensível ou cultural por
meio das manifestações
plásticas.

**IMAGENS VISÍVEIS
E
QUALIDADES SENSÍVEIS**

A relação entre estas duas instâncias – imagem e qualidades sensíveis- implica na aproximação com o campo perceptivo

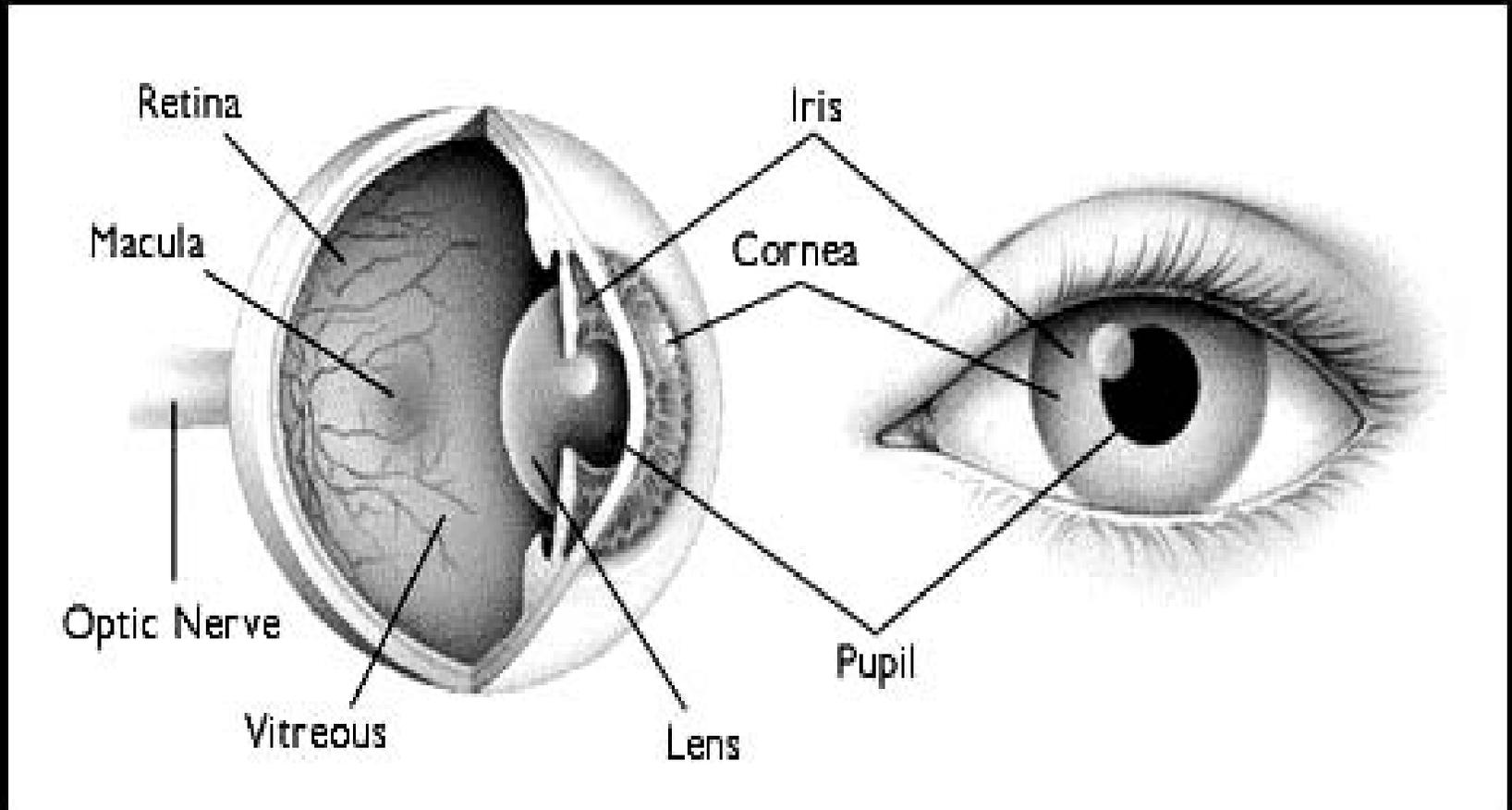
Perceber

do latim, *Percipere* ,
apropriar-se de

Perceber significa nosso modo de ser e estar no mundo natural, recortando-o segundo um viés sensorio, cultural e ideológico

A percepção depende de um aporte sensorial que toma os fenômenos do meio e os transforma em dados e informação. Para a apreensão dos aspectos sensíveis do meio, dependemos do aparelho da visão, do olho humano.

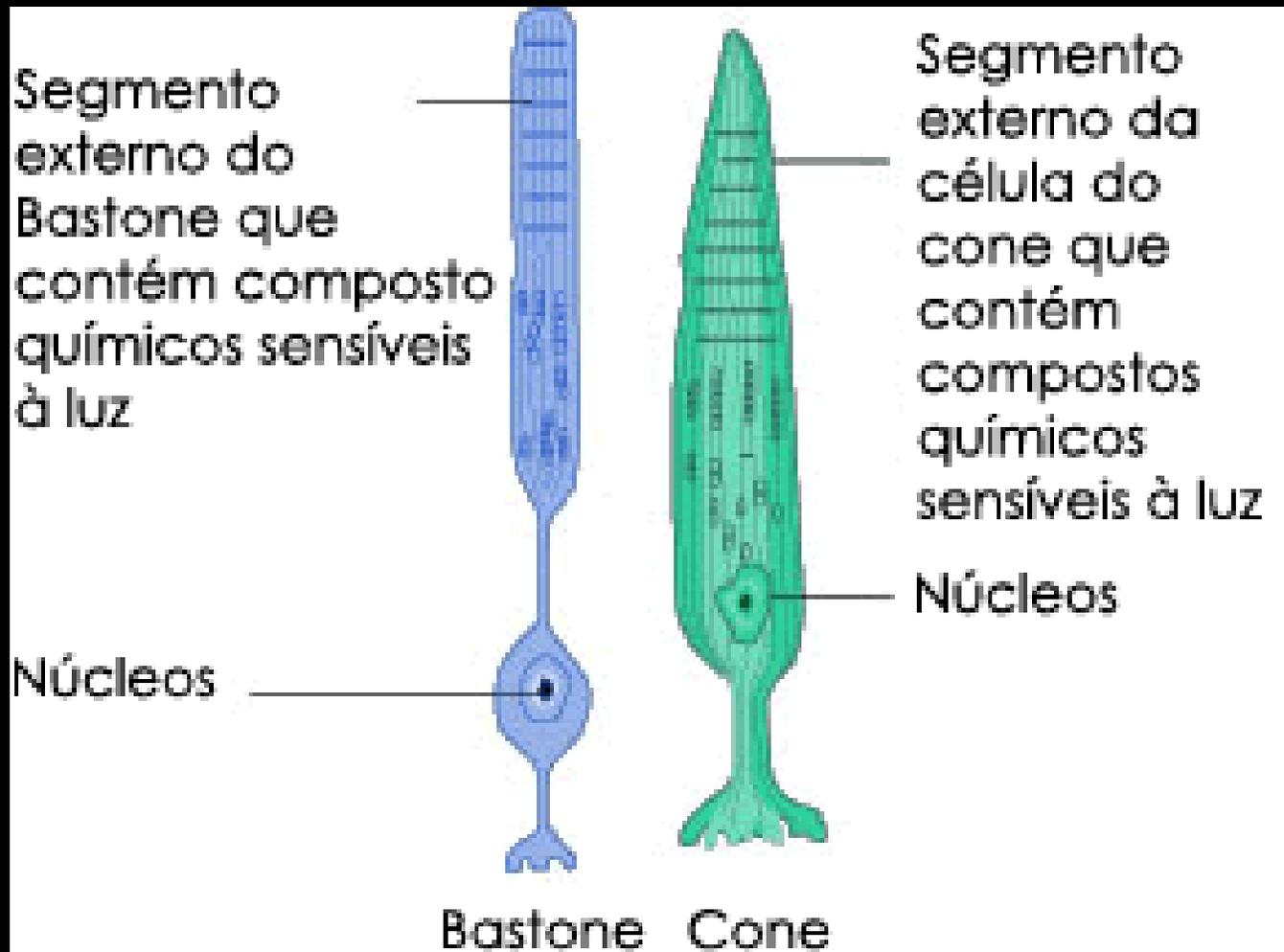
ESQUEMA DO OLHO HUMANO



A estrutura ocular humana é constituída de duas órbitas oculares que atuam simultaneamente, binocularidade, produzindo a relação de tridimensionalidade

Além disso possui células
sensórias capazes de distinguir
variações de intensidade e
frequência

As células sensíveis do olho humano são chamadas de bastonetes e de cones



Os *bastonetes* são responsáveis pela percepção da luminosidade, percebem a variação da intensidade de luz

Os *cones*, por sua vez,
são responsáveis pela
percepção da várias
freqüências contidas na
luz, portanto, distinguem
cores

Sendo assim, começamos
a falar da percepção, por
meio das qualidades
visíveis do mundo natural.

Fenômenos visuais e qualidades visíveis

Ver o mundo, implica numa
conjunção sensível com
ele, ou seja, na
possibilidade de detectar
as qualidades inerentes e
decorrentes da luz

As qualidades visíveis
percebidas no mundo
natural podem ser
resumidas em três
possibilidades:

LUMINOSIDADE,
ESPACIALIDADE
e
TEMPORALIDADE

LUMINOSIDADE

A apreensão dos valores luminosos do meio ambiente que implica em dois aspectos distintos: percepção de intensidade e frequência

Esta foto de
Man Ray pode
exemplificar as
variações de
intensidade,
uma mesma
tonalidade
assume uma
gradação



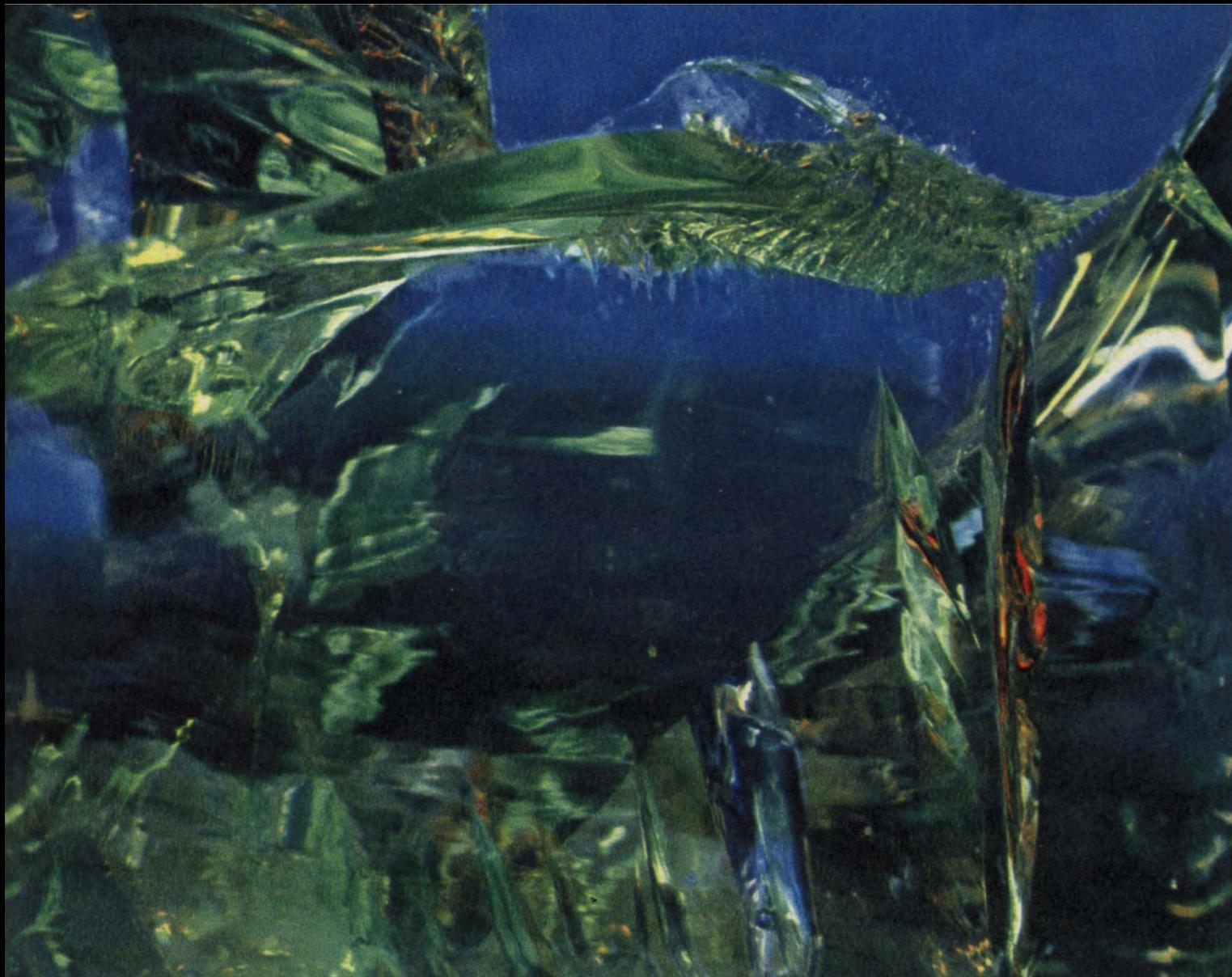
Intensidade:

A intensidade da luz é percebida pelas variações de luminância: mais ou menos luz; efeitos de gradação luminosa; luz e sombra.

As variações de intensidade promovem as variações de valores tonais, ou seja, diferenças de grau entre o máximo de luz e a ausência de luz, criando uma gradação tons



A Freqüência é a
variação com que as
ondas luminosas vibram
numa dada amplitude



George F. Pollock, 1960

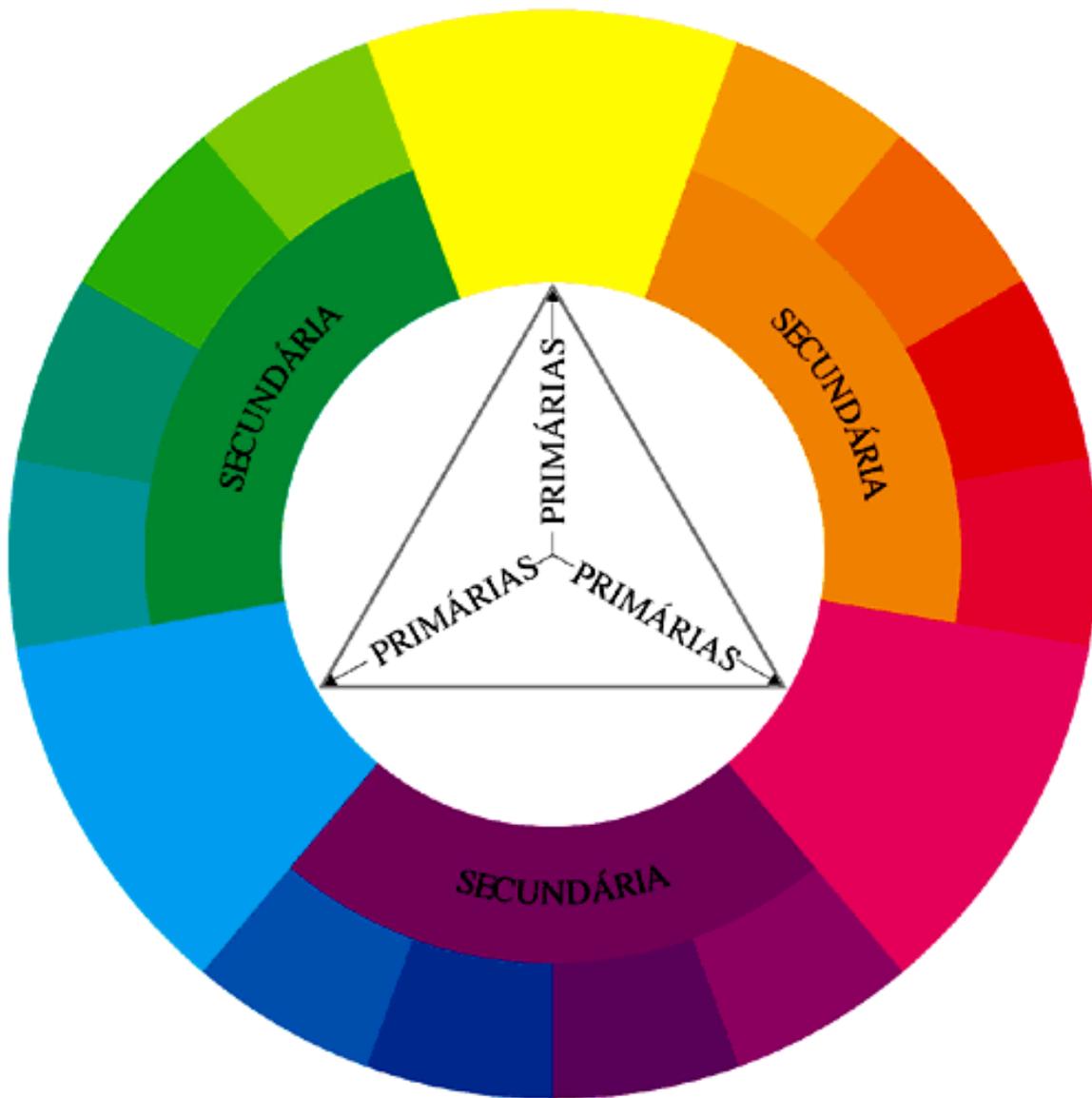
As variações de
frequência implicam na
percepção das
diferenças cromáticas,
resultando na sensação
de cor

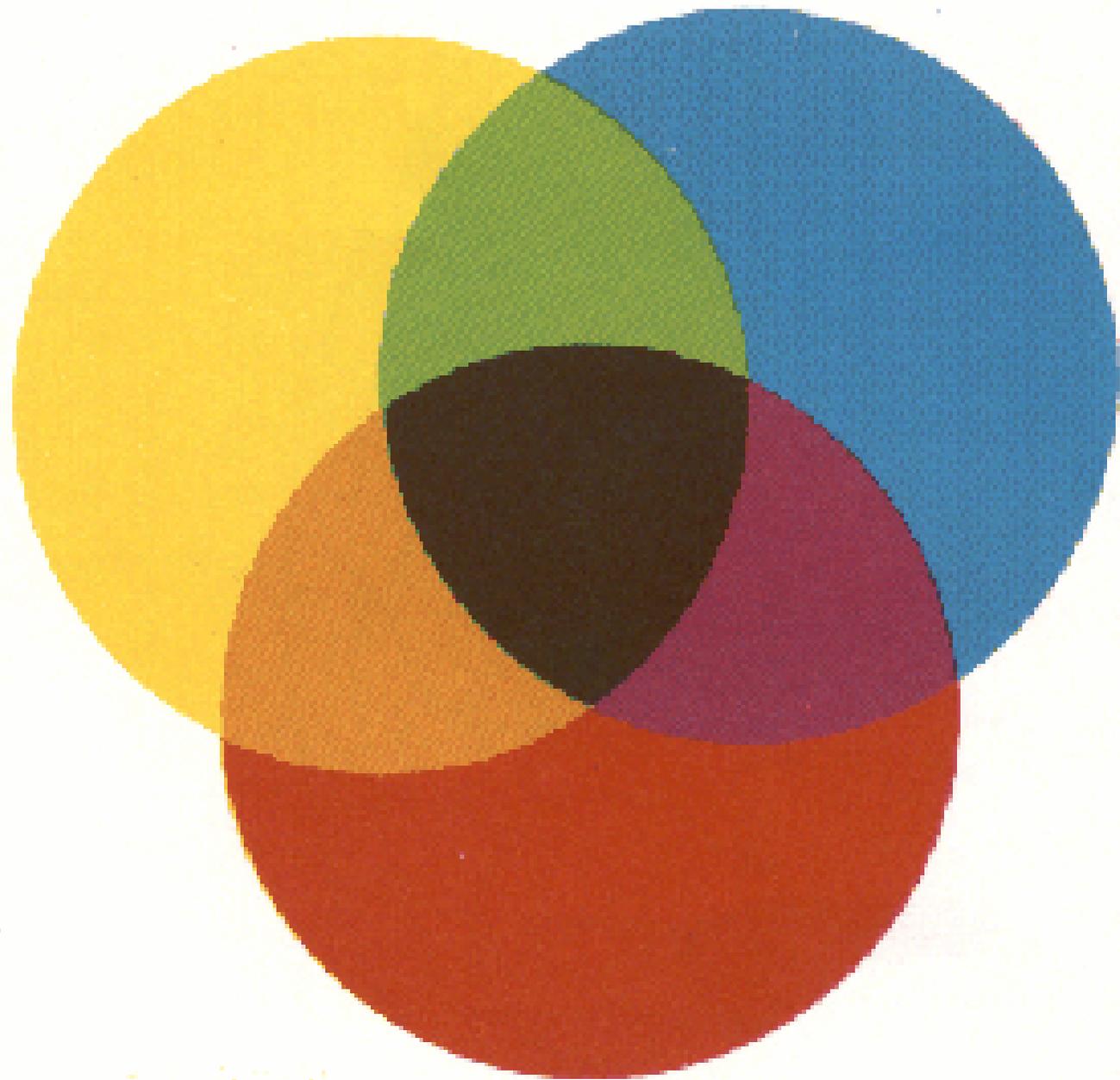
Portanto a cor é uma
sensação luminosa obtida
das diferentes frequências
refletidas pelos objetos e
coisas do mundo e não
uma propriedade delas

Sem cor as coisas do mundo
parecem perder sentido,
logo, cor é um elemento
importante de significação,
tanto para dar mais
credibilidade às imagens
tomadas do mundo quanto
para produzir efeitos criativos



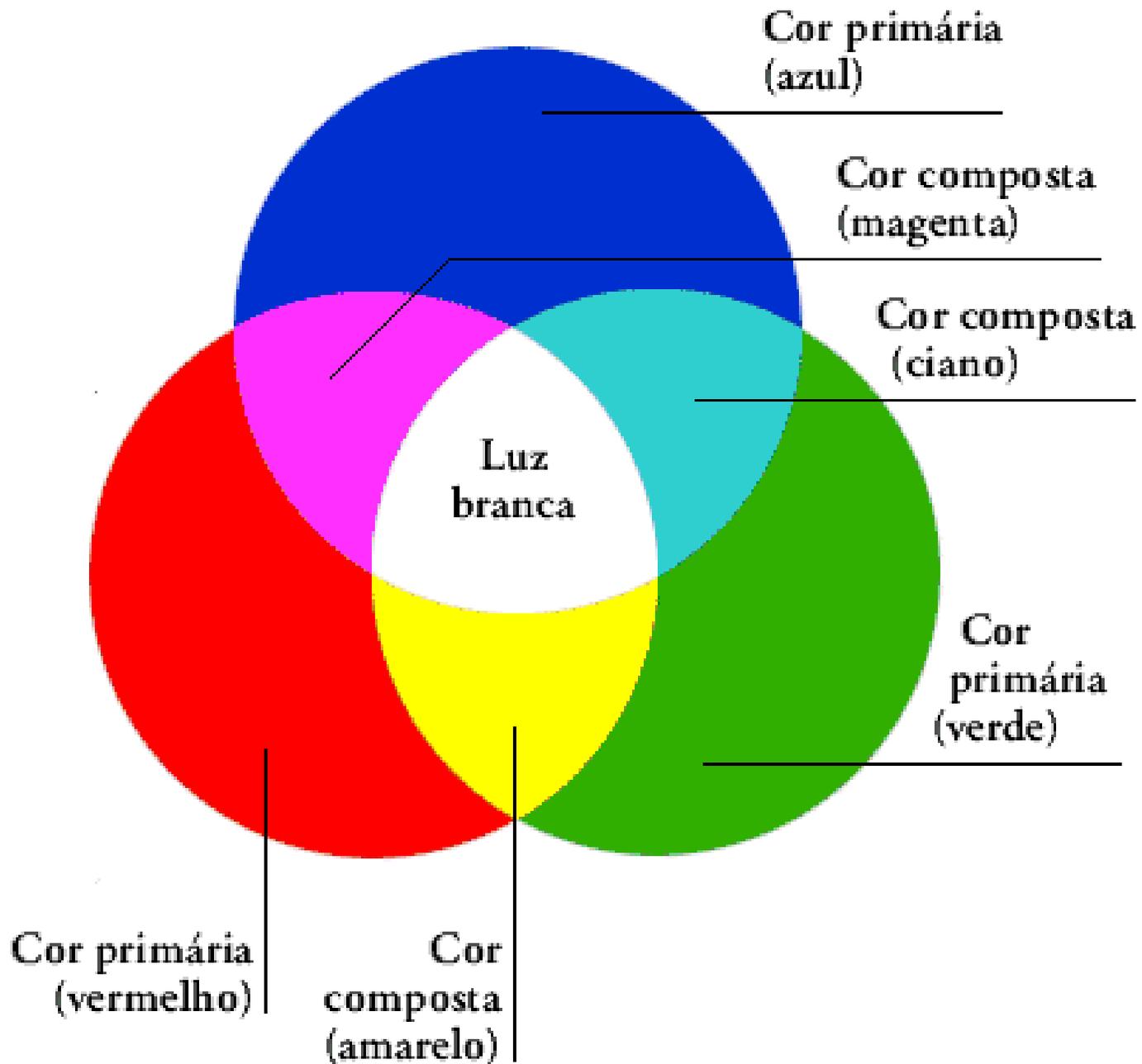
Para falar de cor
desenvolvemos diferentes
teorias, uma delas busca
as relações cromáticas
aditivas por meio dos
pigmentos opacos



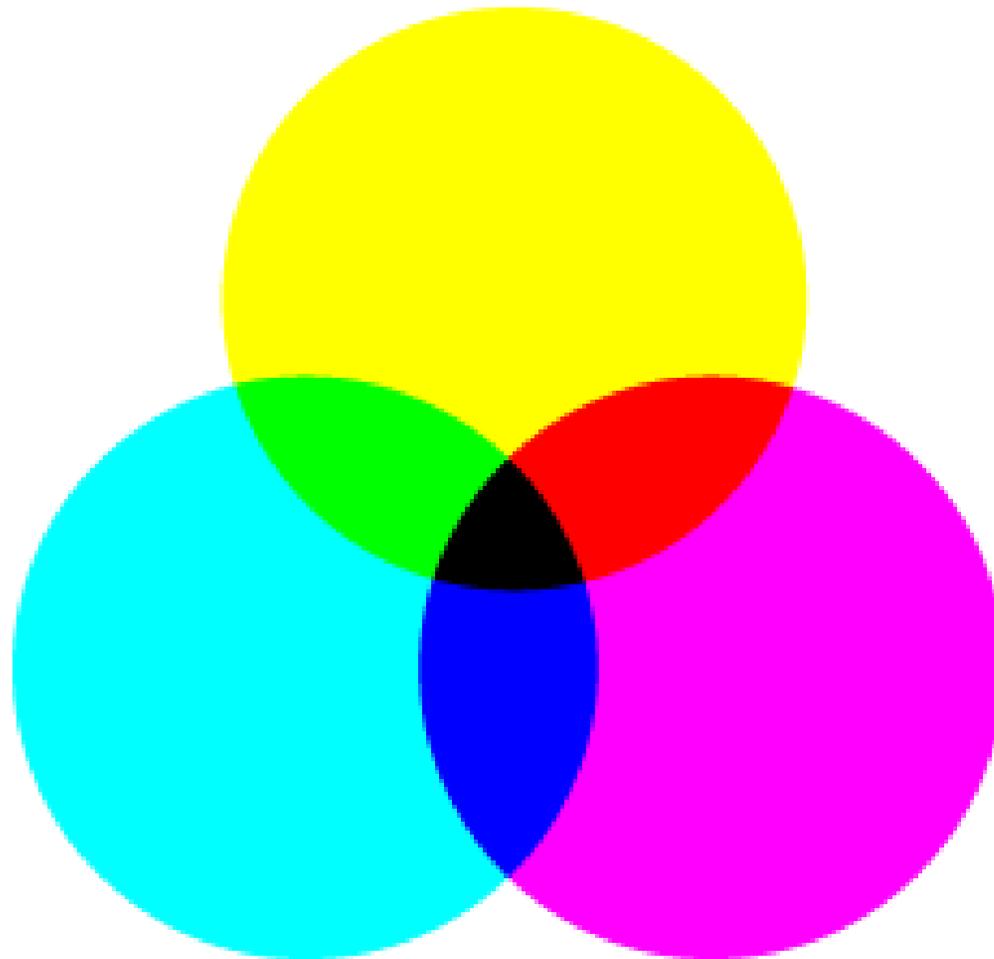


© 2000

Outra desenvolve a teoria
por meio da Cor Luz



Y - Amarelo



C - Ciano

M - Magenta

Além da luz tomamos o mundo por meio do espaço que nos envolve. Há uma relação de nosso corpo com o que nos circunda, o que está à nossa frente, atrás, ao lado, acima e abaixo do nosso olhar

A localização espacial e os direcionamentos com os quais lidamos no meio natural são, de um modo ou de outro, transladados ou reproduzidos, ou imitados nas imagens

Chamamos de
Espacialidade às
qualidades inerentes ao
espaço

ESPACIALIDADE

A espacialidade se refere ao modo como apreendemos o espaço e também como os convertemos em valores plástico no contexto das imagens

Estar no mundo significa
entendê-lo em todas as
suas nuances espaciais

As orientações mais comuns que utilizamos para compreendê-lo são:

Altura,
Largura
e
Profundidade

Estas referências são
capazes de nos dar a
noção de lugar

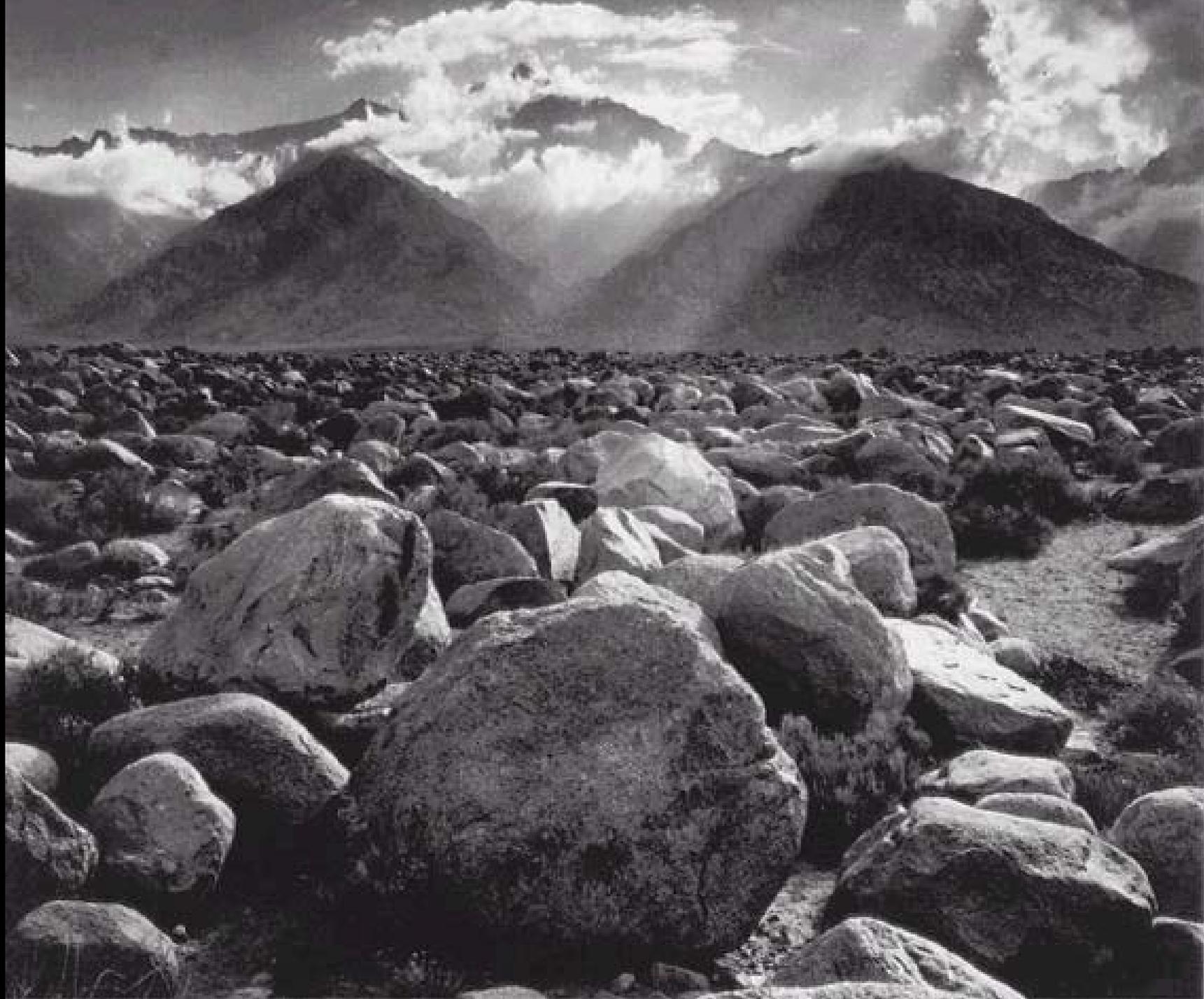
A verticalidade se
refere ao alto e ao
baixo



A horizontalidade se
refere à lateralidade



A profundidade se
refere à frontalidade



Com isto temos a
noção de
tridimensionalidade

Além destas
referências, temos
outras que nos fazem
sentir o espaço:

A
DIMENSÃO
é outra delas

A percepção de dimensão é de natureza relacional. Ou seja, sabemos o *tamanho* de uma coisa ao compará-la com outra.

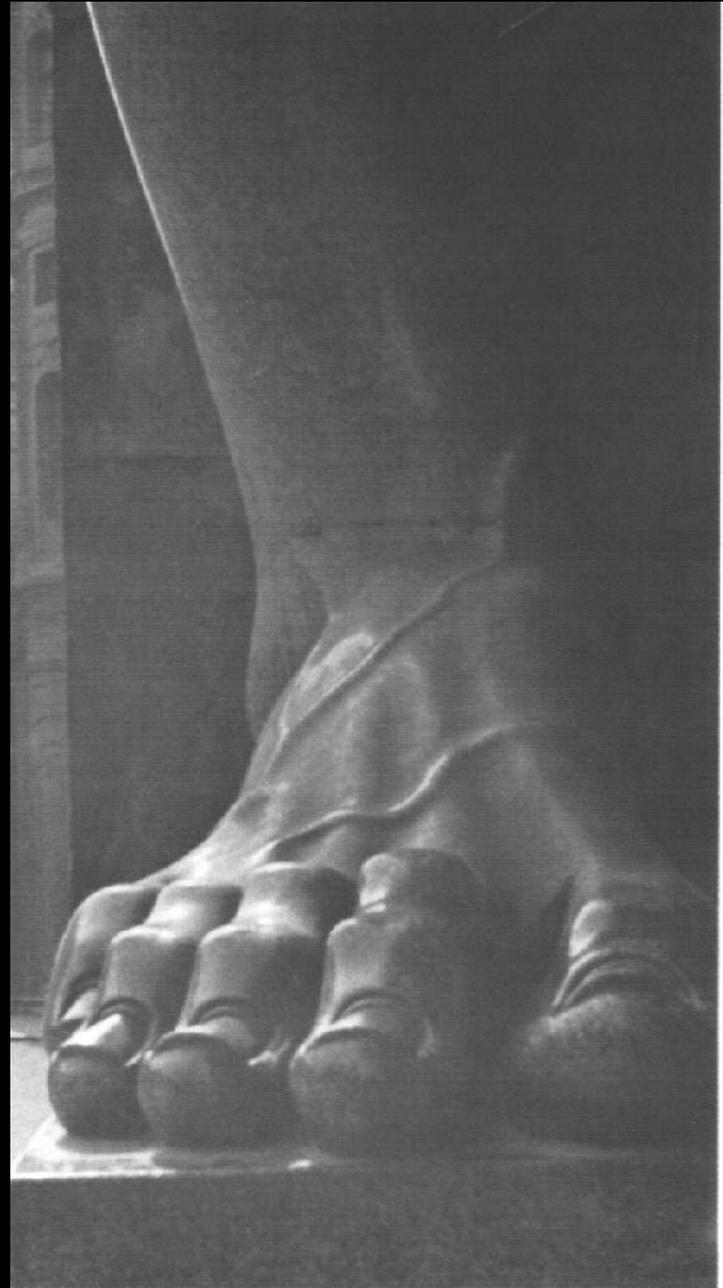


Compare, nesta imagem, a relação entre pessoas

Observe
agora a
relação
entre elas e
o ambiente



Veja este
detalhe da
foto de uma
escultura,
você poderia
identificar a
proporção?



Veja agora a foto inteira de Boris Ignatovich de 1929,



Como vimos as
dimensões dependem
da apreensão dos
tamanhos relativos.

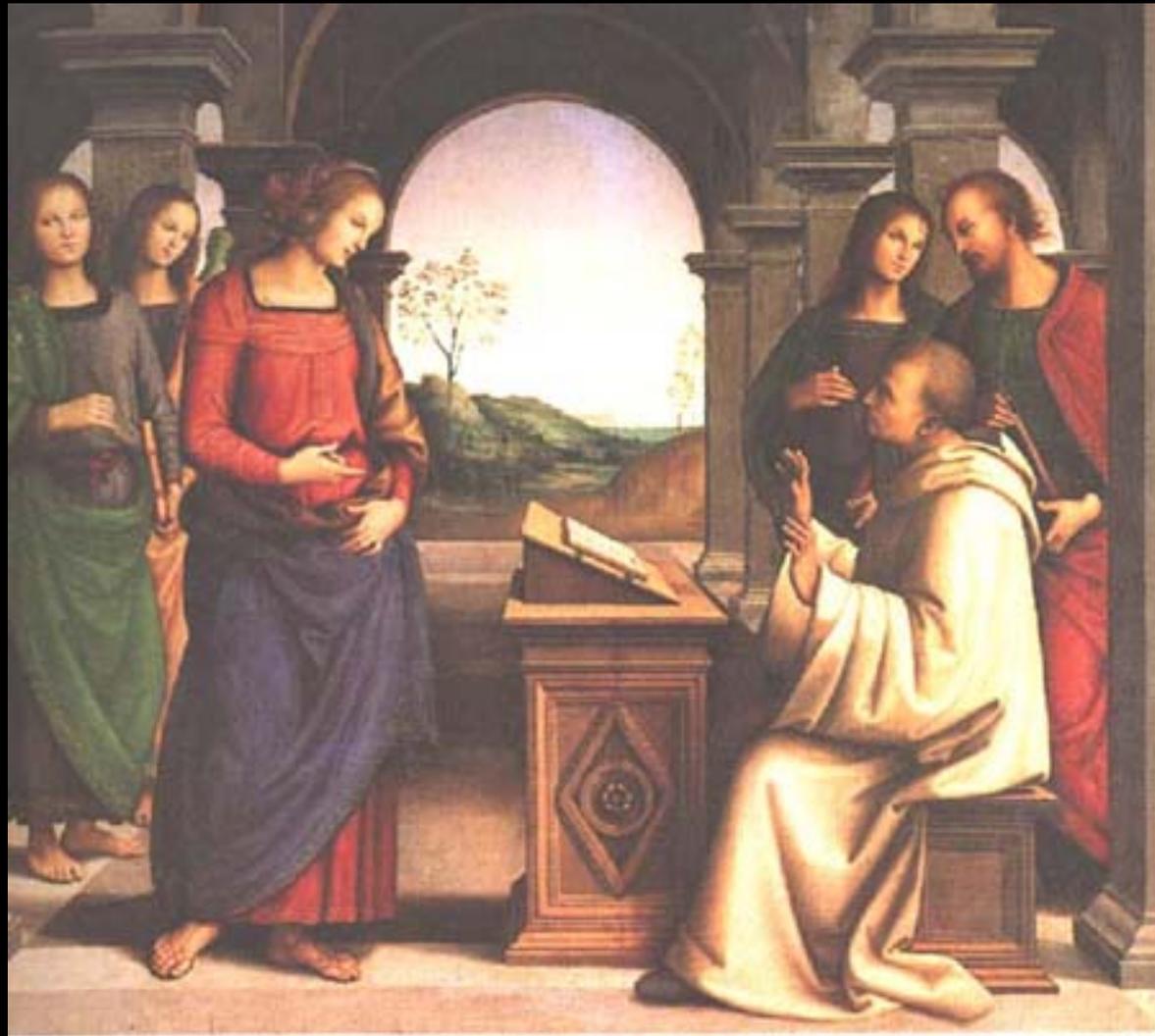
Outro aspecto vinculado
à dimensão é a
profundidade, ou seja,
o que se coloca à nossa
frente, do próximo ao
distante

Podemos dizer que
profundidade é a
dimensão frontal de uma
cena, que percorre a
sucessão de planos,
aqueles que estão mais
perto e aqueles que estão
mais longe

Observe esta foto de Oliveira



A mão, o espelho e o
rosto cria uma sucessão
de planos e nos dá a
noção de profundidade,
embora a imagem
trabalhe apenas com
dois planos

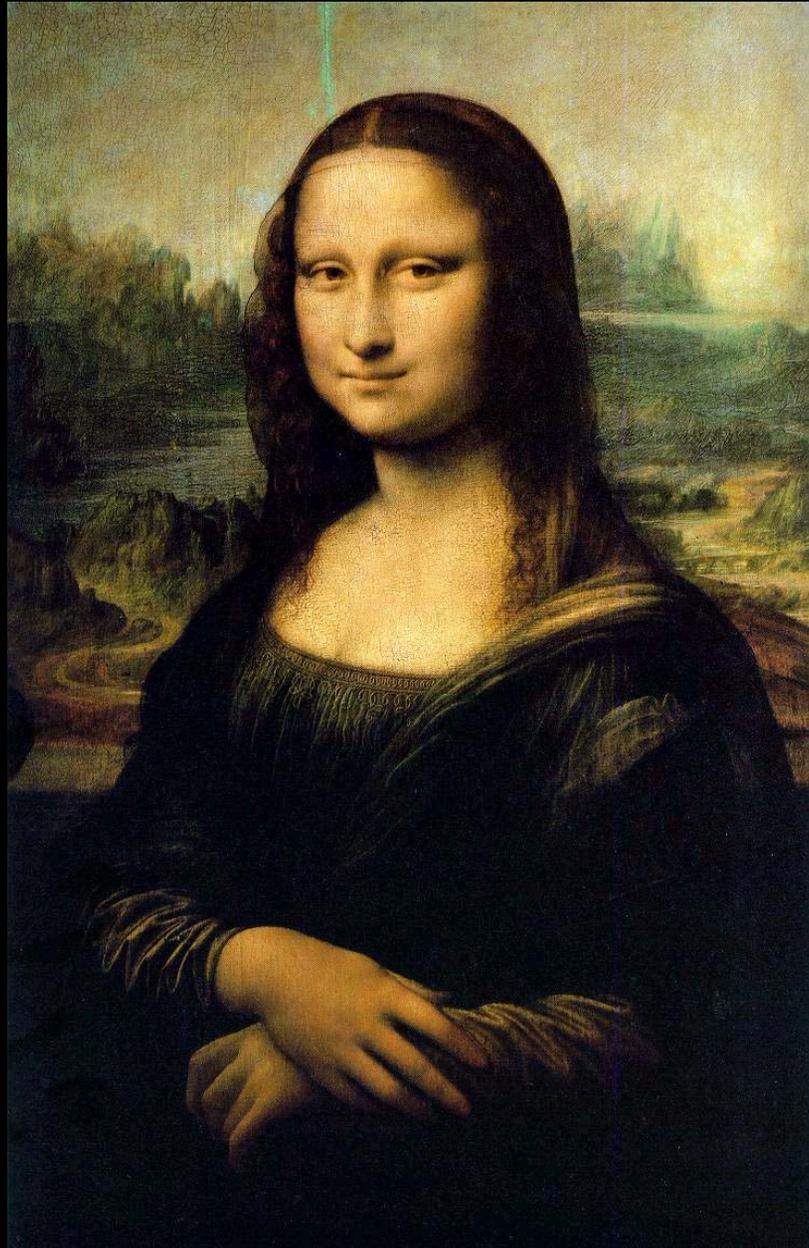


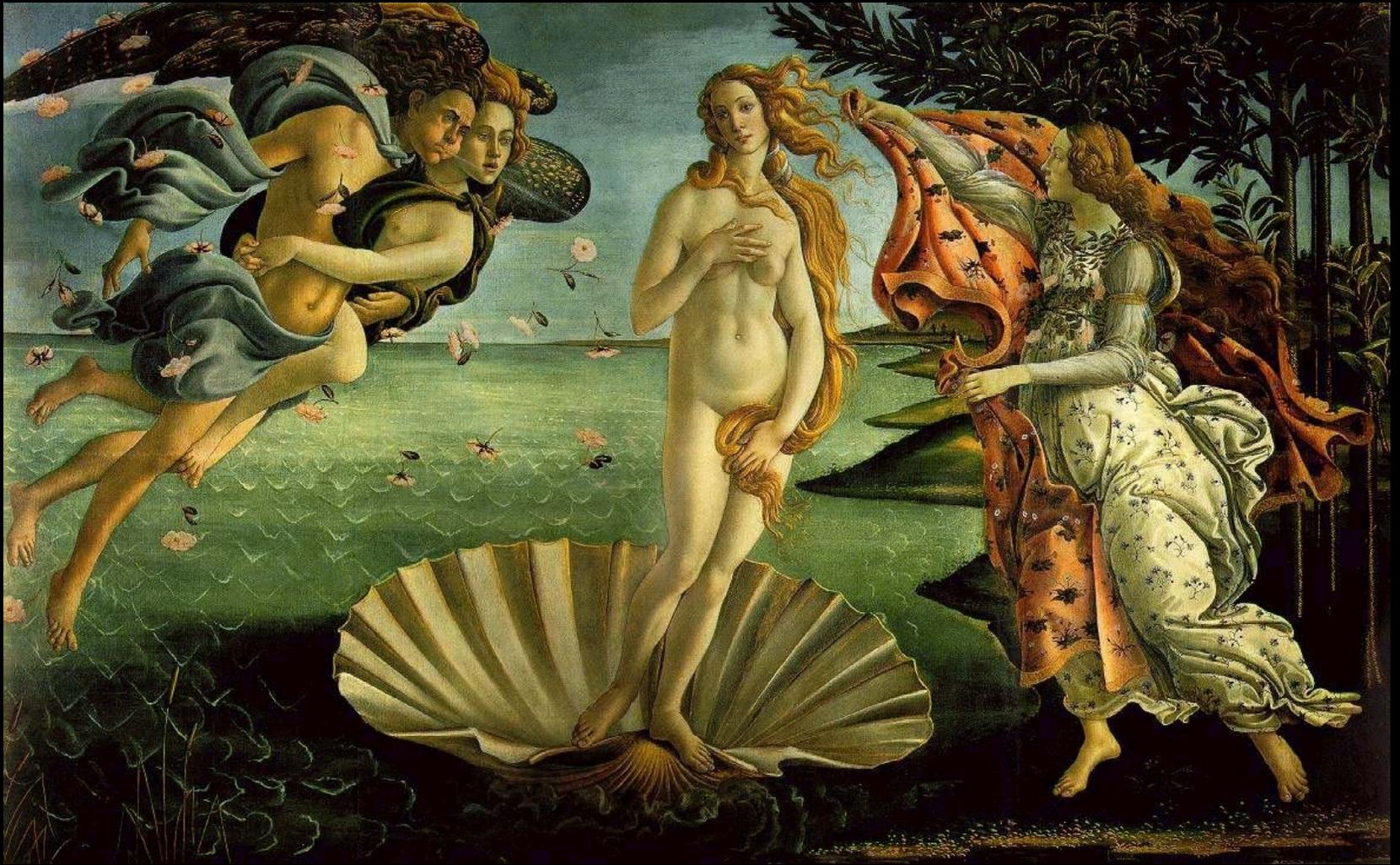
Esta pintura de Perugino mostra um modo de produzir efeito de profundidade

O uso da perspectiva geométrica foi uma das conquistas humanas para a produção do efeito de sentido de dimensão e profundidade dos mais utilizados na construção de imagens ao longo da história.

Mas além do uso da perspectiva pode-se utilizar de outro recurso para produzir o efeito de profundidade e volume.

Da Vinci
propunha o
uso do
Chiaoscuro





Também é possível produzir este efeito pelo uso das cores como nesta obra de Botticelli

Mas a apreensão do mundo sensível não se dá apenas pela luminosidade e dimensão, se dá também pela *cinestesia*, ou seja, pelo movimento, pela dinâmica dos deslocamentos aos quais estamos submetidos no mundo natural e que podem ser traduzidos por diferentes estratégias no contexto da imagem

Esta dinâmica do movimento
ou da ação nos leva a
apreensão da
TEMPORALIDADE
e isto decorre da
compreensão do
deslocamentos dos corpos
no espaço

Podemos dizer que o movimento é também de natureza *relacional*.

Sabemos que algo se
desloca por
estabelecermos uma
relação com alguma coisa
que não se desloca ou de
um lugar estático

Se estamos parados
podemos ver o
deslocamento das coisas
diante de nós

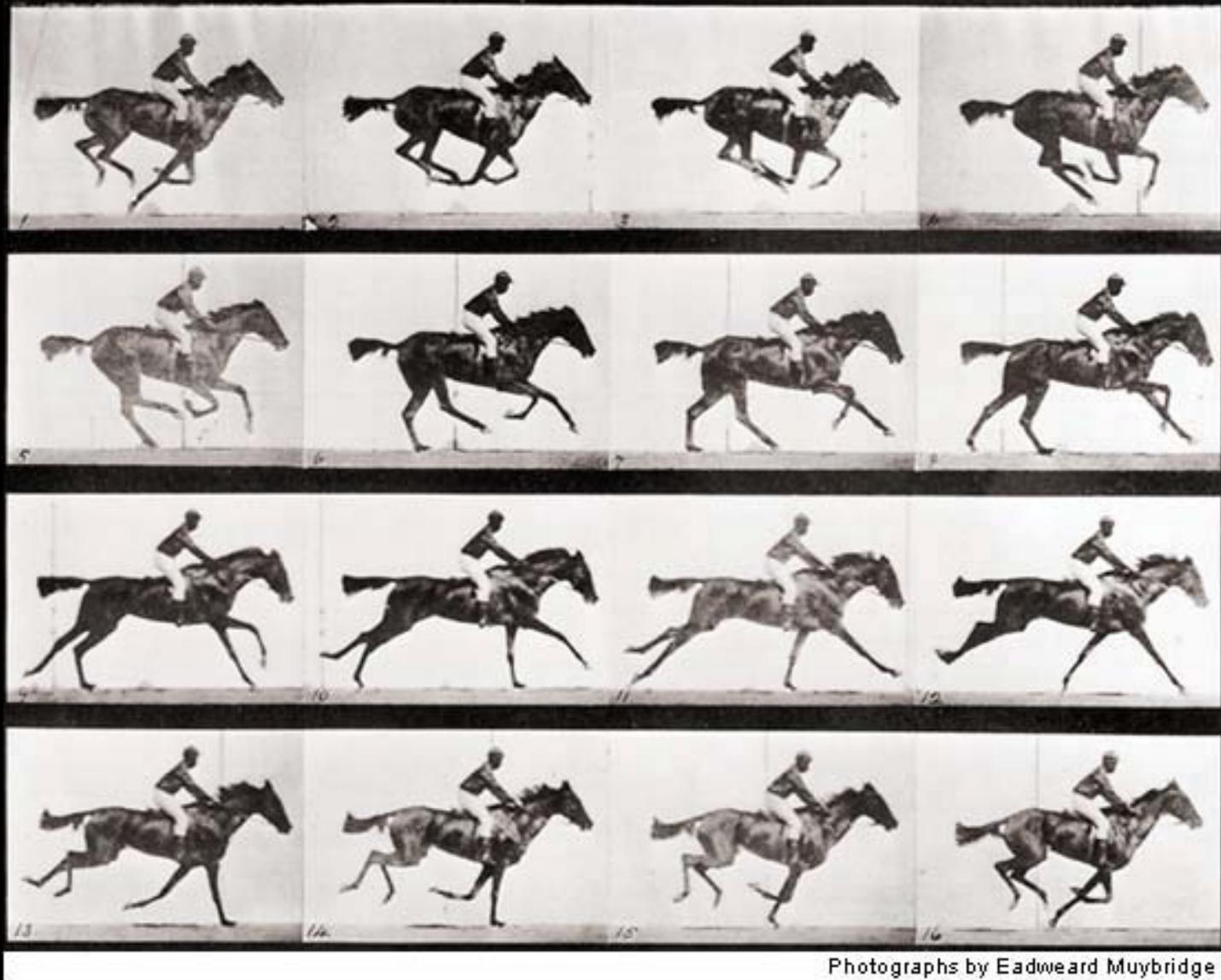
Se nos deslocamos, se
andamos, podemos
perceber o nosso
deslocamento em relação
às coisas

Tanto podemos perceber o deslocamento das coisas, em relação a nós, quanto nosso deslocamento em relação às coisas e também o deslocamento das coisas, umas em relação às outras

A capacidade de perceber
as alterações cinéticas do
mundo se dá pelo que
chamamos “persistência
retiniana”

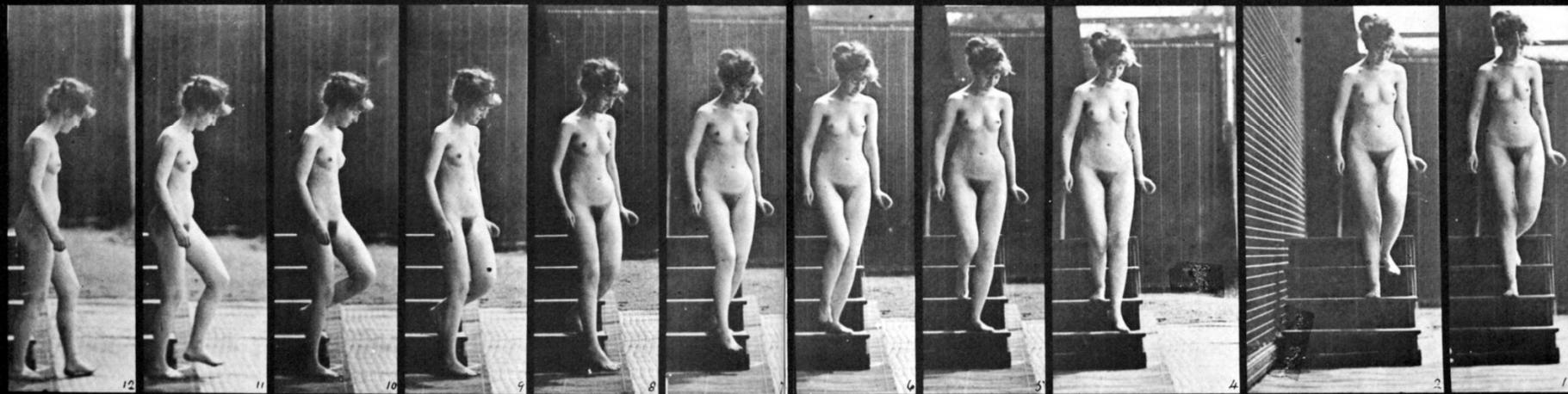
A persistência retiniana é a capacidade que possuem nossos olhos de perceber a sucessão das informações luminosas, esta é uma das estratégias de que se valeu a invenção do cinema

Os primeiros estudos do movimento na imagem fotográfica foram desenvolvidos por Muybridge e por Marey

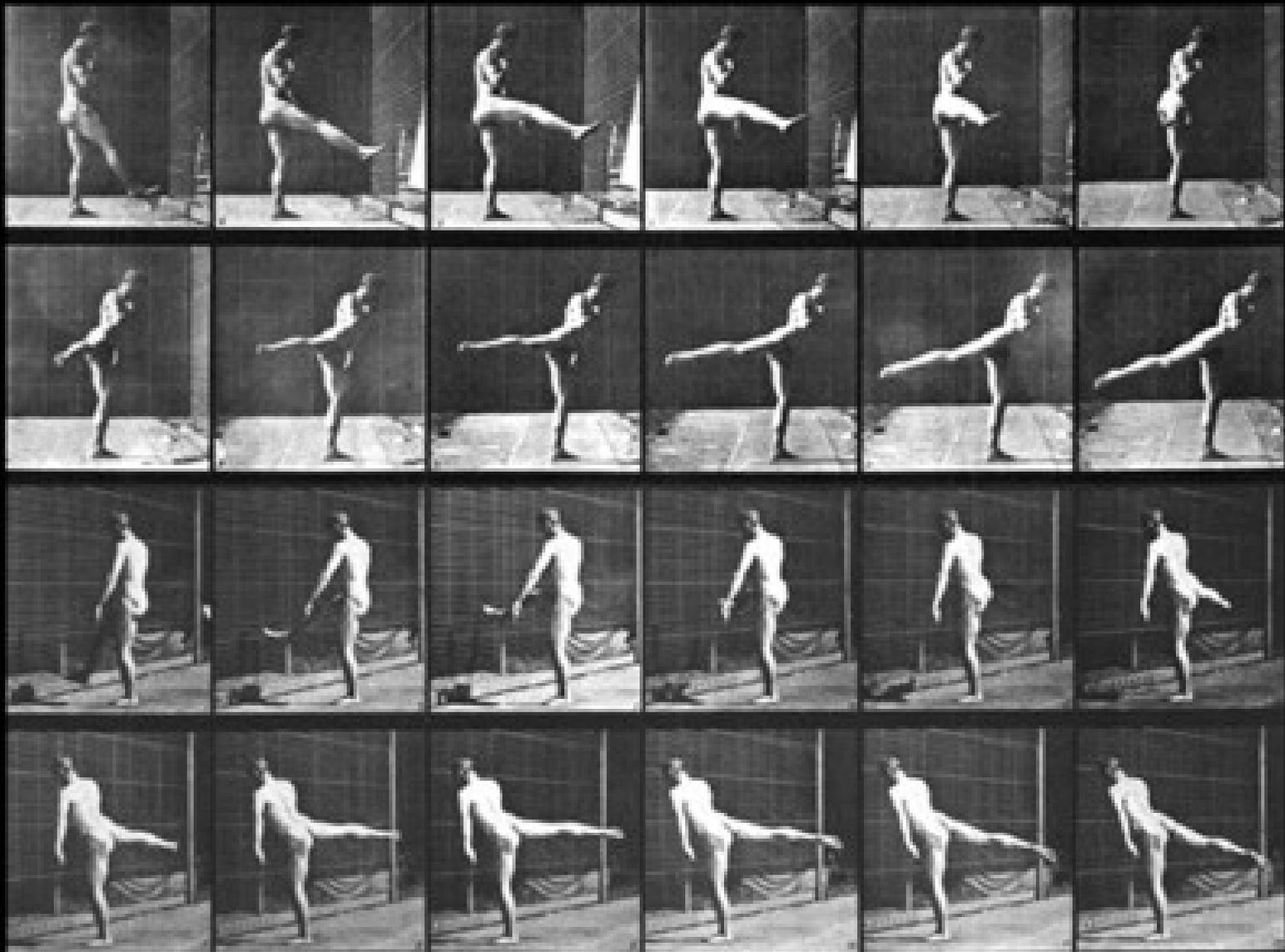


Photographs by Eadweard Muybridge

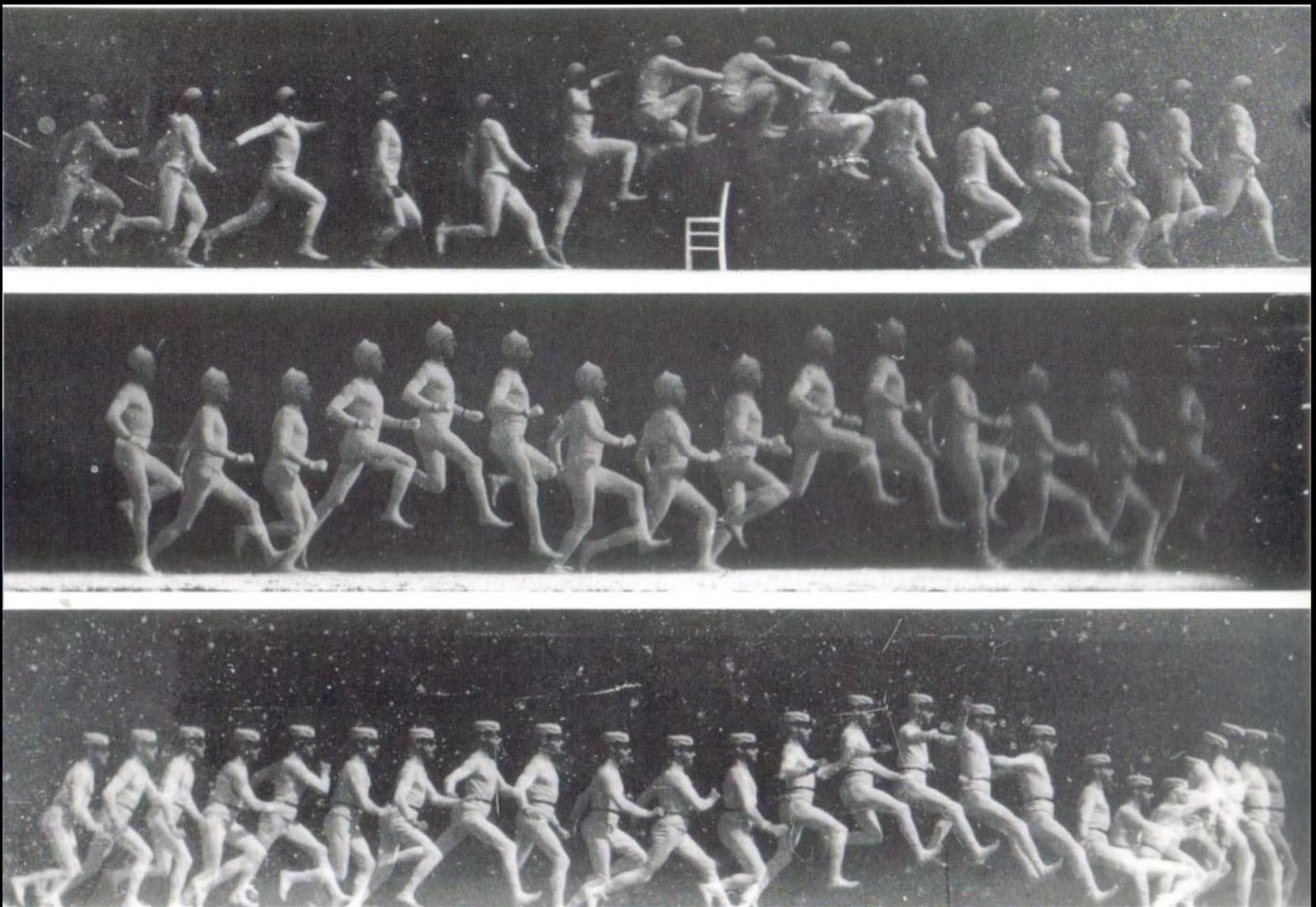
Edward Muybridge, cavalo à galope, 1878



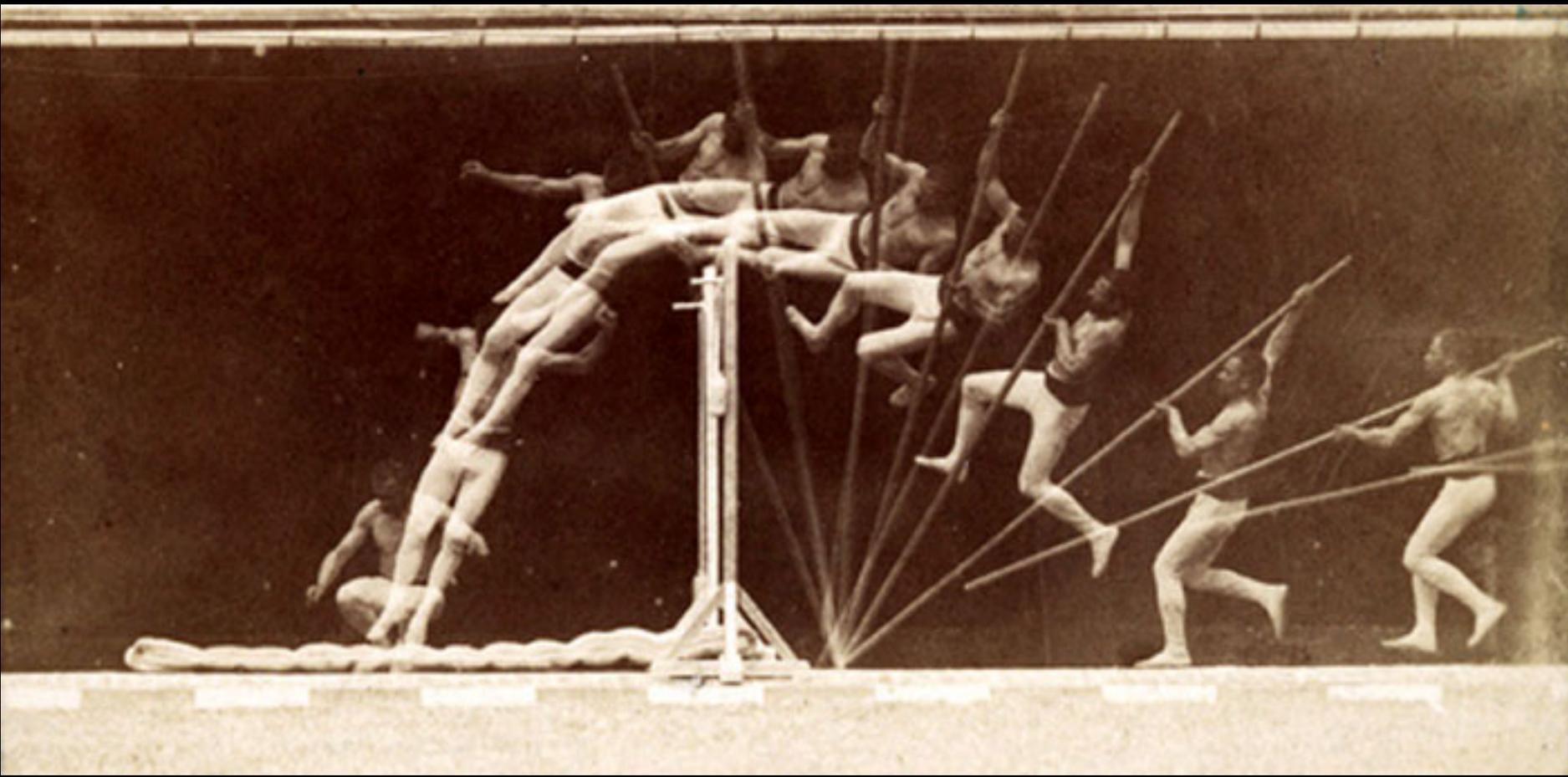
Muybridge, mulher caminhando



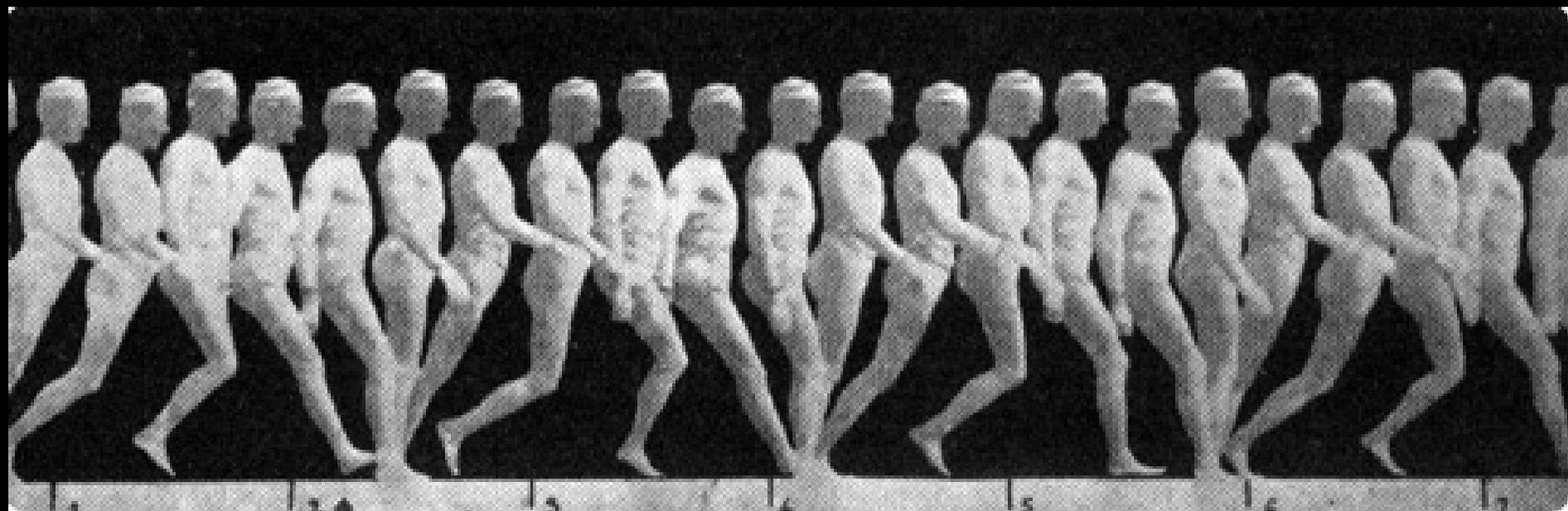
- Muybridge, movimiento humano, 1887



Etienne Jules Marey, estudos de movimento humano, 1887



Jules Marey, salto com vara



Jules Marey, marcha



Marey, vôo do pelicano, 1887

Os estudos destes pesquisadores deram origem, mais tarde, ao desenvolvimento do cinema pelos Irmãos Lumière e Thomas Edson, entre outros estudiosos

Entretanto, ao longo do tempo, sempre foi interesse do ser humano reproduzir ou inscrever o movimento nas imagens

Diferentes estratégias
visuais foram utilizadas
para isso desde os
primórdios da humanidade













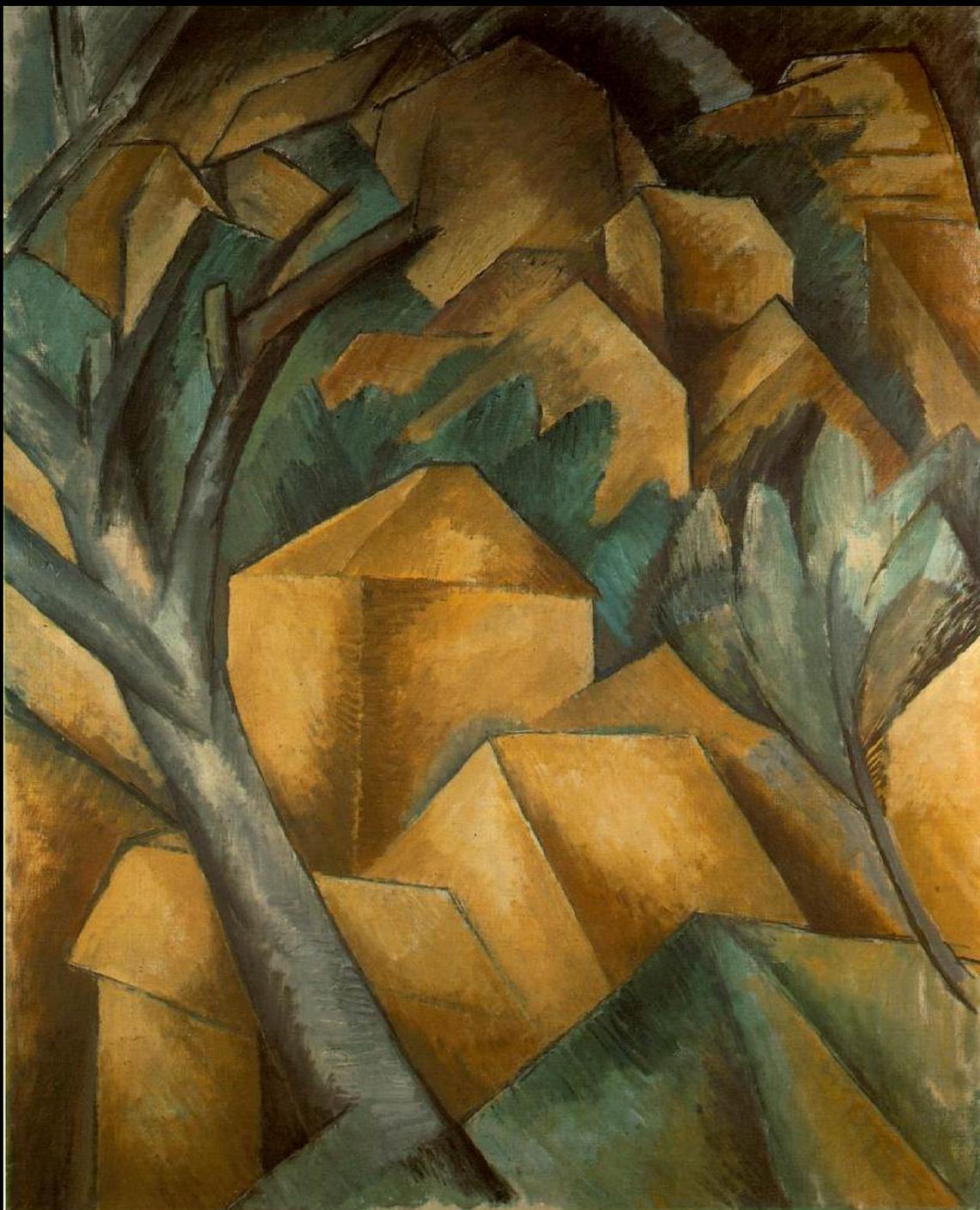


Neste caso, é possível
inscrever o movimento
numa imagem de
diferentes maneiras

Assim, uma imagem
pode demonstrar ou
não o efeito de
movimento, quer seja
uma pintura ou uma
fotografia.



As pinturas futuristas tinham como fim demonstrar o movimento



O Cubismo,
tinha outro modo



Uma câmera fotográfica
pode *congelar* uma
imagem, criando um efeito
de congelamento do
movimento ou de
suspensão temporal

Esta
imagem
de Cartier-
Bresson
nos
mostra
isso.



Por outro lado, a câmera também pode “borrar” uma imagem fotográfica, distendendo o movimento, inscrevendo ou demonstrando o efeito de ação



A foto de Almeida deixa clara a ação



Como
também a
de Brake

Nestes casos o efeito de movimento está inscrito na imagem

O que podemos dizer é que os aspectos perceptivos obtidos de nossa relação com o mundo natural são reoperados, ressignificados no contexto das imagens que criamos, independente dos meios utilizados para criá-las

Esta é uma primeira
aproximação com as
imagens e a fotografia